

Mitos de Origem: da Língua e da Gramática

Dois mitos desconhecidos: Português e Francês do Renascimento

Maria Kistereva
Université Libre de Bruxelles (ULB)

Uma questão que até aos dias de hoje não tem sido valorizada pelas investigações das primeiras gramáticas das línguas europeias é, precisamente, o problema da exemplificação. No entanto, os exemplos como instrumento de argumentação desempenham um papel de grande relevância nos tratados das línguas. Apesar das várias diferenças tradicionais, o exemplo gramatical torna-se elemento unificador entre todos os factores contraditórios que formaram as tradições de cada língua. Neste contexto, o que nos interessa compreender é a forma como os mitos de origem das línguas europeias são mitos distintos ou se fundem num só mito. Deve prestar-se especial atenção ao português e ao francês enquanto representantes das duas tradições “marginais” da época.

« C'est à l'époque de la Renaissance que la plupart des langues vernaculaires de l'Europe sont soumises pour la première fois et de façon globale à une codification grammaticale: c'est alors que sont rédigées ou publiées les premières grammaires de l'italien (1430-1440), de l'espagnol (1492), de l'allemand (1534), du portugais (1536), du néerlandais (1584) et de l'anglais (1586), par exemple. » (J. de Clercq, 2000: IX-XXXIV)

Na Europa românica, até ao século XV, apenas a língua latina tinha o triplo privilégio de dispor da forma escrita, de possuir uma descrição gramatical e, assim, ser um objecto de reflexão científica e ensino. No momento da aparição das gramáticas das línguas românicas, as línguas vernaculares atingiram o novo estado da língua referencial. Este foi o maior evento na história das línguas europeias, das ideias, da reflexão do homem sobre a linguagem, mas também na história da linguística e, genericamente, na história das ciências humanas.

O facto de estes primeiros tratados estarem ligados a uma época no passado não os impede de ser a questão central que continua a ser abordada na actualidade, precisamente sob uma perspectiva didáctica. No contexto moderno de standardização do processo de ensino (não só na área da linguística mas também noutras áreas da ciência), as primeiras gramáticas podem ser consideradas como as novas fontes da ciência moderna. Se, por um lado, os gramáticos do Renascimento utilizavam os mesmos padrões que os antigos, os escolásticos e humanistas, por outro lado, revelavam uma originalidade própria dentro da sua obra. Como resultado, surgiram escolas nacionais de línguas. As gramáticas do Renascimento representam, portanto, uma etapa extremamente importante no desenvolvimento das ciências da linguagem, não só na sua época mas também nos dias de hoje.

A questão do « bon usage » e o problema da exemplificação nas primeiras gramáticas são, normalmente, considerados no contexto geral da normalização da língua nacional dum país ou correspondem à forma do tratado gramatical. No entanto os exemplos propriamente ditos nunca foram estudados em conjunto e nunca constituíram a problemática central duma pesquisa.

O corpus português e o corpus francês cruzam-se na sua reputação de marginalidade. Essa marginalidade, ou, pelo contrário, ausência da marginalidade, não pode ser obscurecida sem levar em consideração as gramáticas de outras línguas que servem de referência para as gramáticas de português e de francês. Por este motivo, as gramáticas de espanhol e de italiano também devem ser analisadas para permitir uma avaliação adequada das medidas dessa distância presumida entre o português e o francês.

No que diz respeito ao português, é essencial decidir de que forma as gramáticas da escola portuguesa faziam parte do processo geral da codificação das línguas na Europa. É evidente a resposta : o português na época do Renascimento percorreu o mesmo processo de desenvolvimento que as línguas dos outros países, tendo sido colocado no contexto geral cultural e histórico humanista. Um exemplo deste processo é a gramática de J. de Barros que apresenta diversas correspondências com o texto de Nebrija (1492). Todavia, muitos estudos da historiografia linguística analisam a língua portuguesa à parte ou nem sequer a mencionam no âmbito da evolução da ciência gramatical no séc. XVI.

Enquanto objecto de estudo das ciências da linguagem, o francês estava mais ‘isolado’ comparativamente às outras línguas. Apesar deste facto, verifica-se que o francês surge nos estudos das primeiras gramáticas no contexto geral europeu, ao passo que o português é alvo de investigações mais direccionadas, de carácter monolíngue.. Por outro lado, as primeiras descrições do francês apresentam algumas características muito específicas que permitem considerá-las muito diferentes das restantes : a gramática de Palsgrave (1530) é em inglês, a de Sylvius (1531) é em latim, a de Meigret (1550) é uma ortografia fonética, Marot formula as regras gramaticais em versos... de facto, não é fácil encontrar uma gramática de francês renascentista que tivesse tido o francês simultaneamente como língua-objecto e meta-língua da descrição.

O exemplo gramatical é o que nos interessa particularmente no texto da gramática. Trata-se dum dos pontos de convergência entre as diferentes gramáticas das línguas românicas que surgiram na época do Renascimento, um ponto que nos poderia levar à recusa da marginalidade das gramáticas francesas e portuguesas.

Referências bibliográficas

Ali Said (1971) : *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica

Arens H. (1969) : *Sprachwissenschaft: der Gang ihrer Entwicklung von der Antike bis zur Gegenwart*, Freiburg, Alber

Assunção C. da Costa (1997) : *Gramática e Gramatologia*, Braga, Edições APPACDM Distrital de Braga

- Auroux S. (1992): *Histoire des idées linguistiques. II. Le développement de la grammaire occidentale*, Liège-Bruxelles
- Bosson, Georg (1990): *Sprachwissenschaft und Sprachphilosophie in der Romania. Von den Anfängen bis August Wilhelm Schlegel*, Tübingen, Narr
- Briesemeister D. (1998) : „Portugiesisch und Lateinisch Humanismus und Sprachbewusstsein in Portugal im 15. und 16. Jahrhundert“, in *Romanistik in Geschichte und Gegenwart*, Hamburg, Buske, p. 29-41
- Buescu M. Leonor (1983): *Babel ou a ruptura do signo. A gramática e os gramáticos portugueses do século XVI*, Lisboa
- Buescu M., Leonor (1983) : *Babel ou a ruptura do signo. A gramática e os gramáticos portugueses do século XVI*, Lisboa
- Buescu M., Leonor (1984) : *Historiografia da língua portuguesa*, Lisboa, Sá da Costa
- Carvalho, Rómulo de (1986) : *História do ensino em Portugal desde a fundação da nacionalidade até o fim do regime de Salazar-Caetano*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian
- Castro, Ivo (2005) : *Introdução à História do Português*, Lisboa, Edições Colibri
- Clercq, J.de / Lioce, N. / Swiggers, P. (2000) (edição) : *Grammaire et enseignement du français langue étrangères entre 1500 et 1700*, Leuven, Peeters
- Coseriu E. (2003) : *Geschichte der romanischen Sprachwissenschaft*, Tübingen, Narr.
- Englebert, Annick (2009): *Introduction à la phonétique historique du français*, Bruxelles-Paris, Duculot-De Boeck
- Franco, José Eduardo (2000): *O Mito de Portugal. A Primeira História de Portugal e a sua Função Política*, Lisboa
- Glatigny, Michel (1987) : „À l'aube de la grammaire française : Sylvius et Meigret“, in *Histoire Épistémologie Langage*, 9/1 (1987), p. 135-155.
- Kemmler, Rolf / Schäfer-Prieß, Barbara / Schönberger, Axel (2002) (edição): *Studien zur Geschichte der portugiesischen Grammatikographie und Lexikographie*, Frankfurt am Main, Domus Editoria Europaea (Beihefte zu Lusorama: Reihe 1, Studien zur portugiesischen Sprachwissenschaft; Bd. 9)
- Kukenheim L. (1932) : *Contributions à l'histoire de la grammaire italienn, espagnole, et française à l'époque de la Renaissance*, Utrecht, H&S Publishers.
- Livet, Charles Louis (1859) : *La grammaire française et les grammairiens du XVI^e siècle*, Paris, Didier et cie.
- Marchello-Nizia, Christiane (1997) : *La Langue française aux XIV^e et XV^e siècles*, Paris.
- Niederehe H.-J., Schlieben-Lange, Br. (1987) (edição): *Die Frühgeschichte der romanischen Philologie von Dante bis Diez*, Beiträge zum deutschen Romanistentag in Siegen 30.9.-3.10.1985, Tübingen, Narr.
- Padley, G.A. (1976) : *Grammatical Theory in Western Europe 1500-1700, The Latin Tradition*, Cambridge, Cambridge University Press
- Percival, W. Keith (2004) : *Studies in Renaissance Grammar*, Ashgate, Aldershot
- Schäfer-Prieß, Barbara (2002) (Herausgabe zusammen mit Rolf Kemmler und Axel Schönberger) : *História da gramaticografia e lexicografia portuguesas*, Frankfurt a. M., Domus Editora Europaea
- Swiggers, Pierre (1989) (direcção) : *La langue française au XVI^e siècle: usage, enseignement et approches descriptives*, Louvain, 1989.

Primeiras gramáticas e tratados sobre a língua

Português:

Fernão de Oliveira, *Gramática da linguagem portuguesa*, 1536

João de Barros, *Gramática da língua portuguesa*, 1540

Pedro M.Gândavo, *Regras que ensinam a maneira de escrever e a ortografia da língua portuguesa: com o diálogo que adiante se segue em defesa da mesma língua*, 1574

Duarte Nunes de Leão, *Orthographia da lingoa portuguesa*, 1576.

Francês:

John Palsgrave, *Lesclaircissement de la langue françoise*, 1530

Sylvius (Jacques Dubois), *In linguam gallicam Isagoge*, 1531

Louis Meigret, *Le traité de la grammaire française*, 1550

Robert Estienne, *Traicté de la Grammaire Françoise*, 1557

Clément Marot,

Espanhol:

Antonio de Nebrija, *Gramática de la lengua castellana*, 1492

Juan de Valdés, *Diálogo de la lengua*, 1535-1536

Italiano:

Giovanni Francesco Fortunio, *Regole grammaticali della volgar lingua*, 1516

Pietro Bembo, *Prose della vulgar lingua*, 1525